



## FORMAÇÃO DOCENTE PARA USO DAS TIC: REFLEXÕES NA PERSPECTIVA DE TRABALHAR A TEMÁTICA GÊNERO COM O VÍDEO “VIDA MARIA” EM SALA DE AULA

TEACHER EDUCATION TOWARDS THE USE OF IT: REFLECTING ON THE PERSPECTIVE OF WORKING WITH GENDER ISSUES IN CLASSROOM THROUGH THE VIDEO “VIDA MARIA”

**Saulo José Veloso de Andrade** ([saulojosesjva@gmail.com](mailto:saulojosesjva@gmail.com))

**Rita Cristiana Barbosa** (UFPB – [rcribarbosa@gmail.com](mailto:rcribarbosa@gmail.com))

### Resumo:

O trabalho teve por finalidade analisar o vídeo “Vida Maria”, compreendendo suas características técnicas, bem como a linguagem usada e suas interfaces para o uso pedagógico numa perspectiva de gênero. Usamos para análise deste material a concepção de análise textual discursiva introduzida por Roque Moraes e Maria do Carmo Galiuzzi. Nosso trajeto foca desde a preocupação com a formação docente para uso do vídeo em sala de aula, até a linguagem usada no vídeo e suas implicações com a temática gênero, evidenciado em obras como as de: Bernadete Gatti, Raquel Barreto, Solange Girardi, Pierre Bourdieu, entre outro(a)s. Ao final, percebemos que o texto usado no vídeo bem como os elementos que o constituem estão ligeiramente ligados às concepções da violência simbólica, da reprodução e da dominação masculina, as quais se inserem no contexto das questões de gênero. Sendo assim, o(a)s docentes precisam conhecer tais questões para efetivar uma prática educativa pela equidade de gênero.

**Palavras-chave:** TIC. Gênero. Dominação masculina. Reprodução.

### Abstract:

This paper aims to analyze the video “Vida Maria”, including its technical characteristics as well as the language used and the interfaces that can be used in pedagogical practice through a gender perspective. The analysis of the material draws on the conception of discursive textual analysis introduced by Roque Moraes and Maria do Carmo Galiuzzi. Our path focuses from the concern with teacher training, as regards the use of videos in the classroom, to the language used in the video and its implications for gender issues, evidenced in works such as Bernadete Gatti, Raquel Barreto, Solange Girardi, Pierre Bourdieu, among others. At the end, we realized that the text used in the video as well as the elements that constitute it are slightly linked to the conceptions of symbolic violence, of male reproduction and domination, which fall within the context of gender issues. Thus, teachers should be familiar with these reflections so as to put forward gender equality in their teaching practice.

**Keywords:** ICT. Genre. Male domination. Reproduction.





## 1. Introdução

Nos últimos anos a educação tem passado por profundas transformações, desde o campo legal, através da homologação de leis, decretos e regulações entre outros instrumentos, até nas metodologias e/ou ferramentas que venham a possibilitar uma nova forma de ser e fazer educação, mudando, conseqüentemente, a forma de ensinar e de aprender.

Tais mudanças perpassam por abordagens como a formação docente e o uso de artefatos das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC que favoreçam a compreensão da demanda atendida e suas especificidades geracionais, pois diante do contexto de um mundo globalizado, utilizar as TIC tornou-se mais um elemento fundante na sala de aula.

Também se tornou emergente o trabalho com a temática das relações de gênero em sala de aula, uma vez que a partir do reconhecimento das discriminações, desigualdades e violências que afetam as mulheres brasileiras e da afirmação do princípio da equidade, o Plano Nacional de Políticas para Mulheres vai além da inclusão das questões de gênero nos currículos, ao apontar a necessidade de transformação das práticas educativas, da produção de conhecimento, da educação formal, da cultura e da comunicação discriminatórias (BRASIL, 2011).

Este estudo emerge da necessidade de compreender a relação entre a tríade: formação docente, TIC e as questões de gênero. A pesquisa foi de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e bibliográfica. Descritiva porque tem como caráter primordial a descrição das características de um determinado objeto e bibliográfica, pois permitiu conhecer e analisar algumas contribuições teóricas existentes sobre o tema. A pesquisa bibliográfica torna-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa (GIL, 2008).

Trata-se de um recorte de trabalho de conclusão de curso realizado pelo primeiro autor, orientado pela segunda, do curso de especialização Gênero e Diversidade na Escola (GDE), promovido pelo Ministério da Educação (MEC) e pela secretaria de política para mulheres (SPM), ofertado pelo Núcleo interdisciplinar de Pesquisa e ação sobre Mulheres e relações de sexo e gênero (NIPAM), através da UFPB virtual.

Nesse contexto, o trabalho teve por objetivo analisar o vídeo “Vida Maria” em dois importantes momentos: primeiro na perspectiva de reconhecê-lo como instrumento pedagógico, e segundo analisando-o do ponto de vista textual sobre reflexões das relações de gênero, principalmente no que tange a linguagem sexista, aspecto que reafirma as práticas machistas e de submissão feminina, comuns durante o século XIX e ainda presentes na sociedade hoje.

Para que pudéssemos alcançar o objetivo supracitado, deslocamos nosso foco para um percurso metodológico que possibilitou um melhor entendimento do objeto de estudo. Fizemos uso do método de análise textual discursiva que segundo Moraes e Galiuzzi (2006, p. 118) é “uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”. Os autores enfatizam que “existem inúmeras abordagens entre estes dois polos, que se apoiam de um lado na interpretação do significado atribuído pelo autor e de outro nas condições de produção de um determinado texto”.





Esse instrumento favoreceu uma melhor compreensão do texto contido no vídeo, principalmente dos elementos de linguagem que constituem a peça midiática (vídeo “Vida Maria”) e se relacionam com as relações de gênero. Fatores estes que nos possibilita uma melhor percepção das interfaces sexistas e de outras nuances de gênero que pontuamos ao longo do trabalho.

A análise textual discursiva fundamenta-se em quatro importantes elementos segundo Moraes e Galiazzi (2013), sendo eles: o corpus, a unitarização, a categorização e a comunicação. Tais aspectos tornam-se cruciais para trazer a tona um entendimento que comungue num debate acerca do uso não só do vídeo, mas também do teor do material escolhido para utilização nas aulas em sala.

Uma vez apresentado o nosso trajeto, destacamos que este artigo, para uma melhor compreensão leitora, desvela-se em duas categorias de análises.

A primeira denominada: “Formação docente e as Tecnologias de Informação e Comunicação” na qual abordamos a importância de uma formação para o uso adequado desses recursos em sala de aula, bem como, o artefato ‘vídeo’ como elemento de fácil acesso para sua associação às práticas docentes.

A segunda categoria intitulamos: “Relações de gênero: uma análise das interfaces contidas no vídeo “Vida Maria”, buscamos destacar a partir da análise textual discursiva, as relações deste recurso e suas implicações no campo das questões de gênero, principalmente pela subordinação e linguagem sexista, evidenciadas ao longo de toda a trama.

Finalizando o texto, destacamos as “Considerações Finais”, que traz nossas conclusões acerca dos elementos em que se assenta tal estudo, as TIC e as questões de gênero, situando nossas lentes nas rupturas que o(a)s docentes necessitam fazer, para que tal recurso seja usado na escola de maneira a conduzir o alunado numa perspectiva afirmativa.

## 2. Formação docente e as Tecnologias de Informação e Comunicação

Esse estudo evidencia-se a partir de duas inquietações, a saber: primeiro pela importância que o tema tomou nos últimos anos, diante do crescimento das demandas atendidas pela escola. E o segundo pela nossa relação direta com a prática de sala de aula, tanto na educação básica como na formação de professore(a)s. Nesse contexto estabelecemos vínculo com a temática desvelando a mesma numa perspectiva crítica, mas, também reflexiva. Pois, os debates acerca da transformação da escola têm sido aflorados a cada dia, muitas vezes em virtude da presença de novos instrumentos que radicam essa necessidade como o Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), que atribui à formação docente tal prerrogativa (BRASIL, 2014).

Tal arcabouço implica pensar a formação docente numa perspectiva mais ampla, diferente daquelas ofertadas pelo Estado, que muitas vezes não comunga das reais necessidades da escola. Isto é, pensar em aspectos como o uso das tecnologias em sala de aula e da abordagem da equidade de gênero no trabalho educativo, que estão (polemizadas ou não) na agenda de debates sobre a qualidade da educação ofertada no âmbito do Estado brasileiro.





Esses elementos estão presentes nas transformações pelas quais a escola tem passado. A escola contemporânea tem capitaneado esforços, de forma individual na maioria das vezes, para dotá-la de um melhor aparato, sobretudo, no que tange ao processo de formação.

Essa necessidade visível é fruto da ineficiência do Estado no processo de formação inicial de professor(a)s. Sobre essa tendência Gatti (2008) afirma que a preocupação com a formação docente entrou na pauta mundial pelo encontro de dois movimentos: as pressões do mundo do trabalho, estruturado num modelo informatizado e com o valor adquirido pelo conhecimento, e a constatação pelos sistemas de governo da extensão assumida pelos precários desempenhos escolares de grandes parcelas da população. Ainda para essa autora, isso significa, ao mesmo tempo, uma contradição e um impasse, a partir dos quais as políticas públicas e ações políticas movimentam-se para reformas curriculares e de mudanças na formação de formador(a)s das novas gerações.

Evidencia-se no exposto duas importantes vertentes, de um lado as exigências mercadológicas vislumbradas pelo capitalismo, elemento da globalização que tem na qualificação seu aspecto fundante; de outro se percebe que o Estado ainda não delineou a educação ofertada em suas unidades, na perspectiva de alimentar esse mercado crescente e que tem exigido cada vez mais dos indivíduos.

Tratar de educação é pensar nas ações de transformações que a sociedade exige, mas que de certa forma as impõem. Diante dessa nova conjuntura faz-se necessário dotar a escola de aspectos que a possibilite avançar diante dos imperativos internos e externos, melhorando assim a qualidade do ensino, elemento latente no contexto atual.

### **2.1 O uso de TIC para debater e aprender**

Um dos avanços da educação tem sido a inserção das mais diferentes tecnologias de informação e comunicação, elemento que tem incitado um debate aflorado, sobretudo, no que tange ao uso adequado destes artefatos.

Um dos grandes gargalos nesse processo tem sido imbricado pela formação docente voltada para o uso das TIC, pois, de modo geral, as universidades sintetizam tal formação em seus currículos para licenciaturas, deixando uma grande lacuna no que tange não só ao uso destas ferramentas, mas, a compreensão pelo(a)s futuro(a)s docentes dos conceitos e interfaces das tecnologias, que a cada dia emerge.

Antes de adentrarmos nesse debate faz-se necessário destacar a inserção das TIC no contexto educacional, pois conforme afirma Barreto (2008, p. 920),

Para introduzir as questões relativas às TIC, parece oportuno lembrar que estas não mais estão referidas às chamadas “tecnologias educacionais”, produzidas visando a sua utilização em situações concretas de ensino-aprendizagem. Sua própria designação indica o seu pertencimento a áreas não-educacionais, no sentido de produzidas no contexto de relações sociais outras, com finalidades distintas.

Diante das colocações da autora, focamos nosso esforço para compreender o porquê da inserção de recursos provenientes de outras áreas de conhecimento no campo educacional. Uma das hipóteses refere-se aos imperativos da sociedade, que tem suscitado nas escolas o uso destes recursos, inclusive, nos mais variados ambientes de trabalho; outro





ponto seria o de melhorar o processo de acesso/transmissão/construção do conhecimento, ampliando assim, o campo de aprendizagem do alunado.

Na verdade não existem aspectos que apontem de forma precisa para o objetivo da inserção das TIC no contexto escolar. Mas um fato é certo, elas devem fazer parte deste ambiente, cabendo aos diferentes sujeitos que ali atuam uma posição no que concerne ao seu uso de forma sistemática, articulada aos conteúdos. Pois, acreditamos que o computador e a internet definem um novo modo de produção com a informação digitalizada e a escola que não incluir isso está produzindo, “criminosamente, exclusão social ou exclusão da cibercultura<sup>1</sup>” (SILVA, 2005, p. 63). Outro aspecto que justifica o uso das TIC na educação parte de Mattar (2013, p. 15) ao afirmar que “as redes sociais são o habitat das gerações que recebemos, hoje, em nossas escolas e universidades”. Para nós, não só elas, mas tudo o que compõe a cibercultura, e dessa máxima não há como esquivar ou retroceder.

Nesse sentido, emerge mais uma responsabilidade para docentes, uma formação continuada que comungue o uso das TIC, uma vez que a formação inicial (ainda) não contempla na ordem progressiva estes recursos.

Diante desse movimento de busca por uma formação continuada que ascenda para o uso das tecnologias, o(a) docente precisa visualizar que este processo é para crescer e não um substitutivo às práticas e metodologias de cunho tradicional. Sobre essa perspectiva Francisco (2011, p. 52) assegura que, “o docente deve ter em mente que as TIC não objetivam eliminar o uso de técnicas convencionais de ensino. Elas devem ser incorporadas ao processo educacional já existente”. Ou seja, as TIC são ferramentas a mais para o trabalho docente, associadas aos conteúdos abordados em sala de aula.

Seguindo esse diálogo é preciso que docentes vislumbrem a transformação das informações absorvidas nos processos de ensino-aprendizagem em conhecimento. Sobre isso, Girardi (2011, p. 9) recomenda que,

O desafio de explorar os diversos recursos tecnológicos depende do professor, que deve estar apto a ser aprendiz de novas formas de ensinar: blogs, slides, web, podcast, software livres e outros. Mas, o desafio maior está em transformar informações em conhecimento, pois apenas ter acesso à informação não garante conhecimento, torna-se necessário agir cognitivamente sobre essas informações.

Cabe ao(à) docente, diante do conhecimento acumulado, elencar qual a melhor tecnologia para cada conteúdo, enxergando assim, uma gama de possibilidades para uma aprendizagem singular.

Entre as tecnologias que o professorado dispõe no contexto atual temos o uso de vídeos, sobretudo aqueles advindos de pesquisas em canais e redes sociais digitais na internet. Girardi (2011) sugere explorar a gama de artefatos que a rede dispõe, destacando qual o melhor para cada momento ou espaço. Dentre essa gama comungamos a facilidade de uso do vídeo, pois uma vez disponibilizado pode ser usado em TV, DVD, notebook, tablet entre outros, favorecendo a veiculação. Dialogamos a seguir sobre possíveis utilidades em

<sup>1</sup> Movimento que oferece novas formas de comunicação (LÉVY, 1999), compreendida como “modos de vida e de comportamentos assimilados e transmitidos na vivência histórica e cotidiana marcada pelas tecnologias informáticas, mediando a comunicação e a informação via internet” (SILVA, 2005, p. 63).





sala de aula tendo como pano de fundo o vídeo “Vida Maria” e buscamos apresentar e/ou propor uma articulação com o estudo da temática gênero.

## 2.2 O vídeo na sala de aula: o exemplo de “Vida Maria”

O vídeo pode ser considerado um dos instrumentos mais usados em sala de aula, talvez pela facilidade do acesso ou até mesmo pela facilidade da reprodução. Em meio aos avanços tecnológicos é crescente a utilização deste recurso nas aulas, aspecto que coaduna para uma melhor aprendizagem.

Acerca do uso do vídeo Moran (1995, p. 1), destaca:

Finalmente o vídeo está chegando à sala de aula. E dele se esperam, como em tecnologias anteriores, soluções imediatas para os problemas crônicos do ensino-aprendizagem. O vídeo ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, mas também introduz novas questões no processo educacional.

O vídeo chegou à escola com uma missão bem peculiar, a de aproximar a sala de aula do dia a dia do(a)s aluno(a)s, fazendo uma relação entre a vida fora e dentro da escola, em dimensões macro e micro. Por isso devem-se associar os vídeos aos conteúdos trabalhados em sala, atribuindo sentido aos mesmos.

Antes de fazer uso de qualquer vídeo é preciso conhecer as características do material a ser usado. Nessa perspectiva, optamos por fazer uma análise do vídeo “Vida Maria”, sob duas vertentes: uma por suas características e outra pela linguagem usada, aspecto que perpassa por questões de gênero e suas interfaces. Vejamos:

Quadro 1 – Vídeo Vida Maria – Características Técnicas<sup>2</sup>

Gênero	Animação
Diretor	Márcio Ramos
Duração	9 Min
País	Brasil
Ano	2006
Local de Produção	Ceará
Cor	Colorido

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Diante do quadro acima percebemos as principais características contidas no vídeo em questão. Primeiro ele é curto, aspecto que facilita a compreensão e uma exploração de uso no limite do tempo de aula (em geral 45min a 50min), como também a atenção e captação de mensagens.

Outro aspecto que nos chama atenção é ser vídeo regional (nordestino) e retrata a vida do campo, possibilitando uma relação mais estreita entre o que se vincula no artefato e

<sup>2</sup> Quadro construído a partir de dados do site: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=vida\\_maria](http://portacurtas.org.br/filme/?name=vida_maria)





o que se vive no cotidiano do nordeste brasileiro, especialmente nos lugares campestres. Além disso, outro elemento convidativo é ser um desenho animado e colorido, bastante atraente para crianças e adolescentes.

Quadro 2 – Vídeo Vida Maria – Características Gerais<sup>3</sup>

<b>Projeto</b>	<b>3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo</b>
<b>Realização</b>	Governo do Ceará
<b>Cenário</b>	Sertão Cearense
<b>Sinopse</b>	Maria José, uma menina de 5 anos de idade, é levada a largar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos e envelhece.

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Percebemos que o vídeo advém de um projeto, ganhador de concurso, aspectos que o torna singular, uma vez que o mesmo passou por um planejamento e avaliação. O vídeo também retrata elementos do cenário cultural local, quando absorve como espaço de desenvolvimento o contexto do sertão cearense, tão conhecido em grande parte da região Nordeste, sobretudo as dificuldades vivenciadas pelos sujeitos que ali habitam. O enredo constitui como uma verdadeira estrofe musical, uma vez que se repete constantemente, auxiliando a memorização e a visualização dos processos de reprodução.

Diante dessas observações, destacamos a fala de Moran (1995), quando atenta para a relação de aproximação que o vídeo deve trazer junto aos sujeitos, através das questões sociais.

Essa propositura reforça as transformações que a escola possibilita, frente a um trabalho usando vídeos, sobretudo, aqueles que contextualizam a realidade, trazendo a tona um relevo social tal qual o vídeo “Vida Maria” nos apresenta. Desta forma, o mesmo não se limita a preencher os espaços da aula, mas a conduzir o(a) aluno(a) a uma reflexão não só da temática apresentada, mas, da sua própria realidade.

Antes de proporcionar momentos de interação e reflexão acerca de qualquer vídeo, faz-se necessário compreender a abordagem do mesmo para que se possa promover um debate contextualizado. Com relação ao vídeo que analisamos é preciso compreender as questões de gênero que estão imbricadas nos diversos movimentos de linguagem, sobretudo, as que refletem sobre práticas machistas, desenhadas por um viés sexista. Nesta vertente, trazemos a seguir reflexões acerca da linguagem usada e suas interfaces.

### 3. Relações de gênero: uma análise das interfaces contidas no vídeo “Vida Maria”

<sup>3</sup> Quadro construído a partir de dados do site: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=vida\\_maria](http://portacurtas.org.br/filme/?name=vida_maria)





A história retrata a vida de Maria José, uma menina a quem lhe é negado o direito de ter infância, tendo ela que abandonar os estudos e trabalhar para ajudar a família. O início do vídeo mostra Maria escrevendo e sua mãe, Maria Aparecida, impedindo a continuidade dessa tarefa prazerosa, obrigando-a a ajudá-la nos afazeres. Em sua trajetória, Maria cresce, casa, tem vários filhos, executa sua rotina de múltiplas tarefas ditas femininas, envelhece e em meio a isso vai se tornando uma pessoa amarga. Ela tem uma menina, a quem dá o nome de Maria de Lurdes. Esta, ao final do vídeo, repete a cena de escrever no caderno quando Maria José vai ao seu encontro e repete o que ouvira de sua mãe quando criança, que a filha não deve perder tempo “desenhando o seu nome” e exige que a menina a ajude nas tarefas, perpetuando a sina das Marias da família. Uma imagem forte ao final é o vento que sopra e folheia ao contrário o caderno no qual Maria de Lurdes escrevia e assim percebe-se que as personagens usavam o mesmo caderno ao longo da história, e a cada folha há um nome escrito: Maria de Lurdes, Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fátima e Maria do Carmo.

Diante desse movimento, um elemento singular tem incitado um grande debate, referem-se ao conceito de gênero. Toffano e Santana (2013, p. 1), destacam que, “[...]se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”. Diferente do conceito de sexo, que se refere às questões meramente biológicas, sendo estes sujeitos apontados como homens ou mulheres.

Por se tratar de uma construção social, reflete, sobretudo, numa concepção de poder, de supremacia, de um ser sobre o outro, elemento presente muitas vezes em ações e principalmente no que tange a própria linguagem desferida. Para Carvalho, Andrade e Junqueira, (2009, p. 18) gênero é “uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos, resultante de um processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas”.

Essa dominação é fruto de um viés social, que segundo Bourdieu (2005), está diretamente ligada a três importantes instituições: a família, a escola e a igreja. Nestes espaços visivelmente desvelam-se e se reforçam relações de gênero, remontando ações segregantes, onde, naturalmente, a mulher permanece num espaço de submissão, de silenciamento.

Diante disso podemos de forma mais clara compreender as nuances presentes no vídeo e suas implicações nas questões de gênero. Pois como frisamos anteriormente, cabe ao(à) docente analisar o contexto social e de linguagem empregados nos diferentes recursos (suportes) que usamos no cotidiano em sala de aula.

### 3.1 “Vida Maria”: afirmando (pré)conceitos

O vídeo escolhido reflete diretamente as questões sociais, o sofrimento do homem e da mulher nordestina, herança cultural e desigualdade social, mas também vislumbra tessituras de gênero. Para uma melhor compreensão deste conceito e suas inferências na





linguagem apresentada no texto, usamos como instrumento a análise textual discursiva, que nos possibilita um entendimento singular. Tal escolha deu-se pela possibilidade de empreender uma reflexão mais densa usando esse processo de análise textual, neste caso fundamentado por Moraes e Galiazzi (2006; 2013).

Após análise sobre a linguagem usada no vídeo que tem um rico acervo ilustrativo e de efeitos, chegamos ao processo vislumbrado por Moraes e Galiazzi (2006; 2013) de *metatexto*, o qual se resume ao processo de análise, compreensão, reflexão e interpretação do objeto de estudo apresentados numa construção textual.

Nesse contexto percebemos que três unidades de significação tornam-se fundantes para compreender a linguagem desvelada no vídeo dentro dessa categoria, sendo elas: a reprodução, a dominação masculina e a violência simbólica, que estão inseridas na perspectiva de gênero.

Inicialmente visualizamos no vídeo, práticas que apontam para a violência simbólica quando a mãe de “Maria José” determina que ela faça outras tantas ocupações e não fique “desenhando o nome”. Essa concepção é revelada por Bourdieu e Passeron (1975) quando destacam o conceito de violência simbólica, apontando para as práticas em que os diferentes sujeitos endossam suas próprias correntes, impulsionando aos demais que os sigam, abandonando assim sua cultura, credo, entre outros aspectos, seguindo o que está sendo imposto.



Figuras 1 e 2: Cenas de Maria José desenhando seu nome e sua mãe a repreende.

Fonte: Vídeo Vida Maria, 2006.

Tal prática é recorrente ao longo do vídeo, quando se percebe ações, onde os diferentes atores são obrigados a abandonar suas concepções, sonhos e desejos e seguir as que lhes são impostas. Nesta perspectiva as ações de violência simbólica são reforçadas a cada geração, refazendo os trajetos ideológicos apresentados desde o início da história.

É bastante perceptível a violência contra o desejo e o ato de estudar, de querer crescer por outra perspectiva, de trabalhar na função que quiser, de diferenciar-se do meio onde se vive. Tal mudança aponta para riscos da perda cultural, dos conhecimentos, da identidade, sendo amplamente reforçados pela atitude da mãe, que aprendeu a ter a realidade em que vive como a única forma de viver, pensar e agir.

Sobre essa tendência Stival e Fortunato (2008, p. 12003), destacam que,

Para os filhos das classes trabalhadoras, a escola representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural, ou seja, necessitam aprender novos padrões ou modelos de cultura.



Essa ruptura reforça a ideia apresentada no texto, através das diversas facetas das “Marias”, pois claramente demonstra o descontentamento dos sujeitos com a perspectiva de estudar. Essa ideia é constituída dos imperativos de mudanças, aspecto que não é bem concebido pelas mães presentes no artefato analisado.

Nessa tendência outra concepção bastante visível é da reprodução, que segundo Bourdieu e Passeron (1975, p. 252) “reproduz as diferenças sociais, perpetua o *status quo* e, por isso, é uma instituição altamente discriminatória e repressiva”. Essa ideia torna-se pano de fundo ao longo de todo o vídeo, pelas tessituras das falas das diferentes “Marias”, reproduzindo a mesma realidade. A vida delas resume-se a lidar com a difícil realidade do sertanejo, se dividindo entre as atividades domésticas e os cuidados com filhos e filhas, sempre se atentando para o reforço a ideia de reproduzir suas atitudes, práticas e modo de vida.

Nesse contexto, percebe-se também que assim como a violência simbólica, a reprodução leva o sujeito a agir por imposição, esquecendo que está sendo coagido, a uma ação dirigida e não atitudes próprias.



Figuras 3, 4 e 5: Cenas de Maria José executando tarefas atribuídas ao gênero feminino.  
Fonte: Vídeo Vida Maria, 2006.

Um aspecto tomou corpo no contexto vislumbrado ao longo do vídeo: as questões de gênero, ficando as mesmas bem estabelecidas, favorecendo a compreensão, pois como Toffano e Santana (2013, p.03) demonstram;

[...] as mulheres são vistas como passivas atribuindo-lhes as qualidades como paciência, fragilidade, emoção, enquanto as qualidades ativas como agressividade, força, dinamismo, caracterizam o masculino. Assim, o conhecimento do gênero permite pensar nas diferenças sem transformá-las em desigualdade, ou seja, sem que as diferenças sejam ponto de partida para a discriminação.

Destacamos aqui a necessidade docente em compreender não só os conceitos de gênero, mas conhecer a essência do material disponibilizado ao(à)s discentes. Pois, diante desse processo, o uso de tal recurso pode se configurar numa perspectiva de sensibilização, conscientização e transformação social, elementos singulares no contexto do ensino oportunizado pela escola na contemporaneidade.

Seguindo a guisa do movimento de análise que empreendemos junto à linguagem vislumbrada no vídeo, bem como suas interfaces, observamos de forma velada, a dominação masculina, não na linguagem, todavia, nos diversos elementos que compõem a peça midiática, tal como: as imagens femininas sempre subordinadas, as mulheres geralmente



estão ligadas aos afazeres domésticos, bem como, para a reprodução biológica da espécie, reproduzindo os artefatos culturais e ideológicos de suas genitoras.

Asseverando o conceito de dominação masculina Bourdieu (2005, p. 18), destaca que o mesmo “[...] se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la”, ou seja, trata-se de um aspecto que está arraigado de maneira natural a questão das relações de gênero, sendo desvelado das mais diferentes formas, mas que emerge na maioria das vezes no contexto da violência, como a que percebemos ao longo do vídeo, que nesse caso, é a simbólica.

Uma ação é evidente: as questões de gênero e por consequência de diversidade, estão presentes no vídeo e são reforçadas pela linguagem oral, gestual ou até mesmo pelos elementos que constituem a peça analisada. Portanto, eis uma a mídia para trabalhar a temática gênero em sala de aula. A partir de sua análise inúmeras atividades podem ser agregadas, desde a reconstrução da história ao a produção de novo vídeo, uma “nova Maria”.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse espaço queremos tecer algumas reflexões que oportunamente visualizamos ao longo da realização deste artigo e que julgamos de suma importância.

Primeiramente a necessidade de formação continuada para que o(a)s docentes possam usar não só o vídeo analisado, mas os mais variados artefatos tecnológicos, fazendo destes uma ferramenta singular em suas práticas dentro e fora de sala de aula, utilizando para (in)formação, sem descuidar de conhecer na essência os recursos que utilizam. Nessa concepção o vídeo que aqui analisamos emerge como um destes elementos.

Quando destacamos o termo “conhecer”, refere-se a debruçar-se literalmente sobre a tecnologia escolhida, compreendendo as interfaces, desde a essência de sua criação até mesmo a finalização, pois deste modo, teremos um(a) docente preparado(a) para usar aquele aparato tecnológico de forma crítica e criativa.

Além de conhecer os itens constitutivos, faz-se necessário compreender a linguagem, o roteiro e sua abordagem, pois nesse contexto, o(a) docente pode articular ações de uso afirmativo e transformador, tendo um posicionamento negativo ou positivo perante algum assunto. Trata-se de um processo de transformação, de alinhar um dado objeto ao fazer pedagógico, o transformando em uma peça singular para a aula.

Do ponto de vista analítico do material escolhido destacamos que o mesmo está inserido na concepção das teorias da violência simbólica, da reprodução e da dominação masculina, tríade que está centrada na questão das relações de gênero, uma vez que se trata de uma construção cultural, diferente das questões sexuais, que transita pela via dupla de masculino e feminino.

Pelo viés do roteiro usado pelo autor vislumbramos numa perspectiva de herança cultural, através de um cenário de cunho social. Desse modo o autor aproxima sua ideia do imaginário popular, papel este que pode ser desvelado pelo(a)s docentes na interligação com os conteúdos abordados em sala de aula. Pois desta feita, o vídeo não é apenas um





passatempo, mas um complemento, um elemento problematizador (FREIRE, 1989), um organizador prévio (AUSUBEL, 2003), um reforço ao que foi ensinado em sala de aula.

O vídeo apresentado pode ser usado com turmas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, para desconstruir ideias que representam uma relação negativa e de poder entre os gêneros, demonstradas por ações sexistas e machistas. As limitações, a falta de perspectiva e a auto anulação de Maria José, que teve suas vontades e seus sonhos interrompidos, é o que muitas mulheres enfrentam durante suas vidas, seja no sertão nordestino ou nas periferias urbanas; mulheres que vivem a mercê do marido, cuidando da casa e de filhos e filhas. Mulheres que podem ser tias, avós e mães de alunos e alunas que precisam aprender que as relações de gênero podem ser saudáveis.

Nesse sentido, torna-se papel do(a) docente apresentar e debater o material levando alunos e alunas a uma reflexão pela equidade de gênero.

## Referências

ARANHA, Antônia Vitória Soares. Diversidade e formação docente: um desafio para o avanço da Educação. *Form. Doc.*, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 54-61, jan./jul. 2011. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br> Acesso em: 12 Nov 2015.

AUSUBEL, David. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Tradução: Lígia Teopisto. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.

BARRETO, Raquel Goulart. *As tecnologias na política nacional de formação de professores a distância: entre a expansão e a redução*. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v. 29, n. 104, Especial, p. 919-937, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a1329104.pdf> Acesso em: 02 dez 2014.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. *Plano Nacional de Educação (PNE)*, Brasília, 2014.

BRASIL. *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2011.

BOURDIEU, P.; PASSERON J. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de, ANDRADE, Fernando César B., JUNQUEIRA, Rogério D. *Gênero e diversidade sexual – um glossário*. João Pessoa-PB: Editora Universitária / UFPB, 2009.

FRANCISCO, Cláudia Cristina Batistela. *Formação docente: o uso de conteúdos midiáticos e das tic no processo de ensino e de aprendizagem no ensino superior*. Maringá, v. 33, n. 1, p.





49-55, 2011. [www.dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4864757.pdf](http://www.dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4864757.pdf)\_ Acesso em: 11 Nov 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GATTI, Bernadete Angelina. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf> > Acesso em: 20 de Jun. de 2015.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDI, Solange Campelo. *A formação de professores acerca das novas tecnologias na educação*. Brasília. 2011. Monografia. Acessado em: <http://www.fe.unb.br/catedraunescoead/areas/menu/publicacoes/monografias-sobre-tics-na-educacao/a-formacao-de-professores-acerca-de-novas-tecnologias-na-educacao> Acesso em 19 Nov de 2015.

MATTAR, João. *Web 2.0 e as redes sociais na educação*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf> Acesso em 21 Out 2015.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 2 ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. (Coleção educação em ciências).

MORAN J.M. O Vídeo na Sala de Aula. *Comunicação & Educação*, Brasil, v. 1, n. 2, p. 27-35, 1995. Disponível em: <http://penta2.ufrgs.br/figuras/vidsal.htm> Acesso em: 15 Nov de 2015.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In. ALMEIDA, Maria Elizabeth B., MORAN, José Manuel. *Integração das tecnologias na educação*. Secretaria de Educação à distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.

STIVAL, M. C. E. E; FORTUNATO, S. A. O. *Dominação e reprodução na escola: Visão de Pierre Bourdieu*, 2008. Disponível: < [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676\\_924.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/676_924.pdf) > Acesso em: 21 Nov de 2014.

TOFFANO, Claudia B.; SANTANA, Vagner Caminhas. *Conceito de gênero e suas representações sociais*. Buenos Aires, Ano 17, Nº 176, Jan. 2013. ISSN1514-3465. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>. Acesso em: 17 Nov 2015.





**SIED**  
SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



**EnPED**  
ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

2016

8 a 27  
de setembro

VIDA MARIA. Direção Marcio Ramos. 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, Trio Filmes, VIACG. DVD (8 min. e 34 seg).

